



TERRITORIO IMATERIAL DA APREV

Prof. Msc. Munir Jorge Felício

FACOPP – Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Pres. Prudente
UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista

Resumo

O presente projeto de pesquisa visa identificar o desenvolvimento do território imaterial da Associação Prudentina Recuperando Vidas – APREV - instituição sem fins lucrativos que tem por objetivo recuperar dependentes químicos e inseri-los novamente na sociedade. Como prestadora de serviços essa instituição poderá obter contribuições financeiras, na medida em que seu reconhecimento social se der como entidade socialmente necessária. A feitura dessa pesquisa nos propiciará também ampliar nossa compreensão sobre a ciência denominada Comunicação Social, sua importância e suas limitações.

Palavras-chave: território imaterial; comunicação social; projeto ideológico.

Abstract

This research project aims to identify the development of an intangible area of the – APREV – Associação Prudentina Recuperando Vidas – a non-profit institution that aims to restore addicts and insert them back into society. As a service provider, that institution may obtain financial contributions, as long as its social recognition is socially needed. The making of this survey will provide us also to expand our understanding about the science named the media, its importance and its limitations.

Key-words: intangible area; the media; ideological project.



1 Introdução

O presente texto é parte do projeto de pesquisa docente que desenvolvo visando problematizar as limitações da ciência denominada Comunicação Social pelos desafios que o limiar do século XXI coloca diante dela. Esse projeto de pesquisa propõe identificar o desenvolvimento do território imaterial da Associação Prudentina Recuperando Vidas – APREV - instituição sem fins lucrativos que tem por objetivo recuperar dependentes químicos e inseri-los novamente na sociedade. Como prestadora de serviços essa instituição poderá obter contribuições financeiras, na medida em que seu reconhecimento social se der como entidade socialmente necessária. A feitura dessa pesquisa nos propiciará também ampliar nossa compreensão sobre a ciência denominada Comunicação Social, sua importância e suas limitações.

O futuro de qualquer instituição social dependerá direta ou indiretamente das preocupações que tiver quanto ao desenvolvimento do seu território imaterial. Nessa pesquisa procuramos identificar o desenvolvimento do território imaterial da Associação Prudentina Recuperando Vidas – APREV - instituição sem fins lucrativos que tem por objetivo recuperar dependentes

químicos e inseri-los novamente na sociedade.

2 Território Imaterial

Entendemos por território imaterial o conjunto composto por discursos e seus argumentos através dos quais são reveladas as concepções filosóficas, as opções políticas, a defesa de seu lugar social e a importância da sua atuação como instituição social. No caso em tela procuramos o desenvolvimento do território imaterial da APREV visando conhecer, através dele, as razões que ela própria justifica sua existência e sua atuação social.

Sobre o estudo do conceito de território imaterial contaremos com as importantes contribuições de Fernandes (2008); (Gorz, 2003); Fiorin (2007); Trevizan (2000) e McLuhan (2007). O conceito de território tem sido escolhido por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento como conceito central para o estudo de diferentes escalas e tipos de espaços geográficos. Mas do que espaços geográficos a Comunicação Social se interessa pelos espaços sociais. Ocupar as mentes das pessoas é interferir na ocupação que essas mesmas pessoas fazem nos espaços sociais.

Fernandes (2008) no ensaio teórico sobre o território, parte da concepção de que o espaço é a materialização da



existência humana. Neste sentido, cada ser humano tem o seu espaço e ocupa o seu território. É a partir desse território que ele produz seu próprio território imaterial através da visão de mundo e de ser humano quem tem. Um ser humano não se realiza no território do outro, pois o espaço que ocupa é distinto, como também é distinto, sua visão de mundo a partir do seu território. Por conseguinte, cada ponto de vista é a vista daquele ponto, e, portanto, a disputa territorial é inerente a existência humana e ela ganha sentido pela disputa conceitual como conjunto de concepções multidimensionais constituindo o território imaterial pessoal. Assim sendo, no estudo de Fernandes (2008) sobre as tipologias de território está explícito a multidimensionalidade territorial e, para essa pesquisa, o que nos interessa são as abordagens da materialidade do território, bem como da sua imaterialidade.

A imaterialidade estudada por Gorz (2003) através das categorias chaves do trabalho, valor e capital, diferencia capital material de capital imaterial. O capital material se concretiza nos conhecimentos codificados e apropriados privadamente e o capital imaterial se concretiza nos saberes e nas habilidades. Com esses conceitos Gorz entende que o:

Desenvolvimento dos conhecimentos tecnocientíficos, cristalizados em maquinarias do capital, não engendrou uma sociedade da inteligência, mas, [...] uma sociedade da ignorância. A grande maioria *conhece* cada vez mais coisas, mas *sabe* delas e as *compreende* cada vez menos. Fragmentos de conhecimentos especializados são aprendidos por especialistas que ignoram seu contexto, seu alcance, seu sentido [...] (GORZ, 2003, p. 81, grifo do autor).

Para compreender como se dão as inter-relações entre a materialidade e a imaterialidade Fiorin (2007) estudou as manifestações do pensamento pela linguagem como objetos culturais. Para Fiorin (2007) os elementos do discurso constituem em texto e mensagem, diferenciando a concreticidade da abstraticidade, respectivamente. E, seguindo a trajetória de Pecheau, Fiorin esclarece que a importância do discurso está muito mais na abstraticidade do que na concreticidade. Daí a importância do território imaterial. Dizendo de outro jeito, a importância do discurso está mais na mensagem do que no texto, uma vez que a mensagem não está adstrita no texto, apesar de seu significado emergir a partir dele. Portanto, o território imaterial é construído por discursos e argumentos os quais compõem um conjunto de formações ideológicas e formações



discursivas, e, como explica Fiorin (2007, p. 32-34), do ponto de vista genético as formações ideológicas materializadas nas formações discursivas é que determinam o discurso e do ponto de vista da análise é o discurso que vai revelar quem é o sujeito e qual é sua visão de mundo.

Para obter essa compreensão é preciso valorizar o ato de leitura através do qual há a possibilidade de entender o projeto ideológico inerente no texto como explica Trevisan (2000). Para ela o ato da leitura não se esgota na compreensão do texto que compõe o discurso, entendendo discurso como parte do projeto ideológico de seleção e combinação de estratégias de signos fazendo emergir novas relações de significados e, portanto, o ato de ler:

[...] não pode se esgotar na compreensão da mensagem lingüística do texto e nos efeitos empíricos desta mensagem [...], ninguém deve olhar um texto, de forma ingênua, mas sim deve fazê-lo tendo em vista, sempre, uma perspectiva contextual, historicamente condicionada e manifestada textualmente pelo autor. Os efeitos de sentido de um texto são, portanto, resultantes da fusão destes horizontes distintos: autor/contexto/leitor (TREVISAN, 2000, p. 23).

O discurso composto por texto e mensagem é produto social e está entremeado por informações

subsumidas aos interesses políticos, econômicos e ideológicos e, assim, exige “um dialogo efetivo entre leitor (um sujeito contextualizado historicamente) com o autor (também uma entidade histórica) e o modelo textual, inserido em uma dada situação cultural” (TREVISAN, 2000, p. 36). Esta pesquisa visa estudar o desenvolvimento do território imaterial da APREV almejando entender como está sendo construída essa engrenagem e, verificar através dela, o relacionamento entre a instituição e a sociedade almejando a recuperação das informações e, posterior, ressignificação.

Mcluhan (2007) ao estudar os meios de comunicações como extensões do ser humano notou que os seres humanos se tornam fascinados por qualquer extensão de si mesmos em qualquer material que não seja o deles próprios. Ao tratar do meio como mensagem explica que:

A palavra falada foi a primeira tecnologia pela qual o homem pôde desvincular-se de seu ambiente para, retomá-lo de novo modo. As palavras são uma espécie de recuperação da informação que pode abranger, a alta velocidade, a totalidade do ambiente e da experiência. As palavras são sistemas complexos de metáforas e símbolos que traduzem a experiência para os nossos sentidos manifestos ou exteriorizados. Elas constituem uma tecnologia da



explicitação. Através da tradução da experiência sensória imediata em símbolos vocais, a totalidade do mundo pode ser evocada e recuperada a qualquer momento (MCLUHAN, 2007, p. 76-77).

Ao procurarmos identificar o desenvolvimento do território imaterial da APREV através do qual ela justifica sua existência e sua atuação social, almejamos conhecer os discursos e argumentos utilizados por ela em sua comunicação com a sociedade. Como as palavras constituem uma tecnologia da explicitação perguntamos: que palavras a APREV têm utilizado para se explicitar? Quais conceitos formam seu território imaterial? Com quais discursos e argumentos têm desenvolvido os conceitos que justificam sua existência e atuação? Quem é a APREV? Para que serve e a quem serve?

3 A Informação na Sociedade do Espetáculo

Essas informações são necessariamente vinculadas pela mídia, uma vez que é através dela que se estabelecem os laços de comunicação da instituição social com toda a sociedade, possibilitando o desenvolvimento de sua atividade sem

fins lucrativos. Autores como Arbex Junior (2005); Rossi (1995); Bordenave (2006); Fallows (1997); Dias (1979) e Dines (1974) nos auxiliarão no entendimento desse relacionamento. Todavia, esse relacionamento compõe as condições sociais e os mecanismos culturais através dos quais identificam-se os, assim denominados, “*termos-fetiches*” como, por exemplo, globalização, multiculturalismo e comunitarismo. Fazem parte da vasta constelação discursiva das “artimanhas da razão imperialista” (BOURDIEU, 1999; WACQUANT, 2001).

Para Arbex Junior (2005) a notícia só gera interesse se for vinculada como espetáculo. Para tanto cria-se a impressão, através da grande exposição que as novas tecnologias permitem, de que tudo está sendo mostrado, quando não se retrata o fato real por um ponto de vista independente. Isso faz com que a notícia se torne um espetáculo midiático visando as possibilidades de retorno dela.

O que Arbex Junior (2005) defende é que o comunicador social não descreve o fato, mas cria uma versão dele. A manipulação do imaginário coletivo se sobressai nas produções comunicativas, já que os interesses econômicos decidem e se impõem à seus funcionários o que vai ou não ser divulgado e como vai ser divulgado,



como o autor exemplifica nas coberturas da Guerra Fria, da Guerra da Nicarágua, da Guerra da Bósnia, entre outros. Ocorre uma reparação de qualquer divergência da redação com esta linha editorial. Qualquer profissional que fugir dos interesses dos veículos é advertido e, se preciso, dispensado.

A notícia passou a ser um mero produto e tem que assumir um aspecto sensacional para ser rentável. Sendo assim, divulgações de trabalhos, movimentos ou organizações que defendem objetivos contrários ou desinteressantes àqueles que a linha editorial deste determinado veículo assumiu são censuradas. Estão sempre colocados em discussão quais prejuízos, principalmente financeiros, essas divulgações podem provocar. Qualquer informação que causar alguma perda nos lucros, tanto na recepção do público ou na compra de espaços comerciais, é vetada ou manipulada a ponto de, muitas vezes, reverter a situação, fazendo com que recebamos reportagens que não condizem com a realidade.

É possível constatar que existe uma realidade e uma representação da realidade, que pode ser alterada conforme o desejo de seus autores. A partir disso, uma averiguação das informações seria a confirmação de que existem imagens criadas pelos

veículos comunicadores que foram tomadas como verdadeiras, mas que não refletem o que realmente existe.

Para Rossi (1995) jornalismo é uma fascinante batalha pela conquista das mentes. Batalha sutil que utiliza uma arma inofensiva: a palavra, a imagem e/ou o som. Alegando a ausência da objetividade no jornalismo (embora buscada), demonstra que uma notícia dificilmente não irá incluir a subjetividade do repórter, e até a posição do editor. Tal mediação é explicada pelo contexto histórico que cada um carrega consigo, com diferente escala de relevância. A escolha da pauta é reconhecida como o início da inexistência da neutralidade, os assuntos são limitados aos modelos da empresa e repercutidos conforme o seu nível de importância.

Outro ponto questionado é a fonte, e em particular as assessorias de imprensa. Estas agem por interesses específicos, acabam conduzindo o conteúdo a ser veiculado, e assim também o impacto sobre o público. Situação que ocorre devido à falta de postura crítica do repórter. Orientado pela conformidade, então a informação é deixada de ser fornecida com honestidade; Clóvis afirma que o dever de um jornalista é para com a sociedade, sendo assim as notícias deveriam ser verificadas, aprofundadas e transmitidas com clareza,

possibilitando a livre formação da opinião pública.

Para Rossi (1995) os meios de comunicação são os selecionadores de informações. Isso implica numa seleção de assuntos e graduações de importância conferida a esses. A população foi condicionada a não analisar a informação e conteúdo que recebe. Dessa maneira, os meios de comunicação tornaram a população mera espectadora de um conteúdo direcionado para atender interesses de uma minoria.

A mídia, majoritariamente, está mais preocupada em criar realidades manipuladas através da produção de celebridades e de diversas informações que sejam atraentes, já que estes veículos têm como objetivo principal o lucro. Todavia, o lucro não é o objetivo da Aprev, portanto para os meios de comunicação não é atraente divulgar seus trabalhos. Outra possibilidade é a transformação das divulgações, através do uso de informações forjadas e de idealizações, para que esta traga algum retorno ao seu veiculador.

Esse artifício é tema explorado por Bordenave (2006) destacando as características da comunicação, a sua criação e as modalidades que ela assume em determinados momentos. Na reflexão que faz, Bordenave (2006) explica as diversas maneiras de se comunicar e as influências que elas

absorvem da sociedade. A necessidade de uma população define o nível de comunicação que ela terá. Assim, conclui-se que a comunicação é o reflexo do meio ambiental social onde ela está incluída e que esta existe em todo o lugar, já que o ser humano está em constante troca de informações, mesmo quando este não quer se comunicar. Por meio dos signos e códigos elaborados, o ser humano passou a se comunicar com maior desenvoltura entre os da mesma espécie.

A linguagem é uma faca de dois gumes. A mais humana das características, exprimindo a superioridade funcional do cérebro do homem sobre o dos animais, capaz de expressar seus sentimentos mais profundos e seus pensamentos mais complexos, a linguagem pode levar os homens a comunhão no amor e na amizade, mas também pode ser utilizado para ocultar, enganar, separar, dominar e destruir (BORDENAVE, 2006, p. 76-77).

Para compreender melhor essas funções da linguagem Bordenave (2006) discute as mensagens trocadas entre emissor e receptor através das quais ambos alteram suas realidades. Entretanto, as formas de manipulação de linguagem indicam duas realidades: a objetiva e a redesenhada pelo discurso da comunicação. Esta segunda está ligada à interesses dos



proprietários dos meios midiáticos e das classes dominantes, que usam da baixa capacidade de seu grande público de ter uma comunicação efetiva pela manipulação das informações. Enquanto isso, a possibilidade de se construir uma sociedade participativa, onde diálogos transformantes sejam capazes de ser realizados, acaba sendo menosprezada. Assim, essas verdadeiras extensões do ser humano acabam sendo prejudicadas pelos membros ou instituições influentes na sociedade.

As diversas formas de manipulação da linguagem parecem indicar que existem duas realidades bastante diferentes: a realidade objetiva e a realidade construída pelo discurso da comunicação. A comunicação supostamente mais objetiva, como a notícia jornalística, não é mais que a reconstrução da realidade pelo repórter. Os eventos, com efeito, são percebidos pelo repórter que, além de selecionar apenas os aspectos que lhe parecem relevantes, deixando de fora outros, ainda projeta seus próprios significados conotativos sobre o evento (BORDENAVE, 2006, p.89-90).

Os efeitos que a carga de subjetividade contida na mídia provoca nos receptores, prejudicam o entendimento do real significado das notícias, uma vez que elas são produzidas de diversas maneiras. O propósito da informação passa a ter

interesses econômicos, formando uma tríade entre público, mídia e seus financiadores.

É nessa analogia que Dias (1979) pretende contribuir com a discussão da política de comunicação no Brasil. Através da análise de diversos veículos, ele encontra características das mídias que compõem o quadro brasileiro, porém antes disso Dias faz uma comparação com outros países da América Latina chegando à conclusão de que o Brasil não possui uma visão integrada no mundo da comunicação, essa é relativa à função que mídia exerce no desenvolvimento socioeconômico e político.

Dias (1979) promove uma discussão em torno das relações da comunicação com o poder e o papel que público exerce ou poderia exercer sobre os financiadores de informação. Demonstra que a imprensa é considerada uma atividade de domínio privado, tendo em vista que a concentração do público está principalmente nos meios eletrônicos como a TV. Leva a crer que o público brasileiro não é formado por bons leitores. Esse fato coloca os investimentos privados, a publicidade, na eletrônica a fim de atingir maior coeficiente de receptores. Por conseguinte, há uma invasão maciça de anunciantes de multinacionais, que por sua vez gera uma dependência de



grupos estrangeiros que traz problemas para a independência do país.

O conteúdo vinculado na mídia tem como caráter principal o entretenimento, quando deveria dar prioridade a campos relacionados a cultura e educação como pilares de formação social. Dias (1979) defende que para a criação de uma democracia efetiva é necessário que os meios de comunicação trabalhem como instrumentos de liberdade e não como de opressão nas mãos de governantes e grupos econômicos.

Incorporados a sociedade a qual representam, os meios de comunicação devem exercer plenamente seu papel:

A estrutura dos meios de comunicação no Brasil é orientada no sentido da comunicação em sentido único, enquanto sua inserção dentro de um processo de desenvolvimento implicaria planejamento global, exigindo mudanças em diversas áreas e não apenas na comunicação.

[...] para que os meios de comunicação tenham condições efetivas de ser agentes do desenvolvimento social, é necessário que sua atuação ocorra dentro de um quadro amplo de participação somente possível num contexto de liberdade política, social e econômica. Os meios de comunicação não constituem um corpo isolado na sociedade e, quando usados apenas para transmitir valores alheios às necessidades, alturas e

possibilidades da nação, correm o risco de criar aquilo que o sociólogo Daniel Lerner chamou apropriadamente de “a revolução das frustrações crescentes”. (DIAS, 1979, p. 12).

Podemos ainda discutir sobre o papel do jornalismo com Fallows (1997) que põe em debate essa questão mostrando que o jornalismo atual tornou-se “cínico, arrogante e destrutivo” (FALLOWS, 1997, p 24). Para Fallows (1997) a cada ano uma parcela cada vez menor da população folheia as páginas do jornal ou acompanha o noticiário da televisão. O problema está enraizado no próprio jornalismo que, direta ou indiretamente propicia esse exercício. A atividade jornalística deixou de lado sua essência de buscar informação de interesse público para se tornar um segmento do show business. O leitor dos dias de hoje não é informado nem educado pela imprensa, afirma Fallows. Ele é apenas entretido com assuntos superficiais, tais como fofocas e casos sensacionalistas.

Fallows desmascara a cobertura política de seu país, e aponta que os jornalistas moldam os políticos da maneira que lhes convêm, a fim de toda notícia obter potencial para ser vendida, sempre no intuito de aumentar a lucratividade da imprensa americana.

O dinheiro fez o jornalista mudar de posição na sociedade. Desse modo, ele também mudou o tema para as suas reportagens e os direcionamentos para examiná-lo. Quando há questões éticas a serem respeitadas, a sede de enriquecimento da imprensa tem que ceder, insiste o autor.

A grande reflexão de Fallows é transferir aos jornalistas e seus jornais a responsabilidade de se reformarem. Assuntos de interesse público, quando apurados, levam tempo, gastos e trabalho, e nem sempre sua resposta é imediata. Mas esse devia ser o compromisso prioritário da imprensa.

Os meios de comunicação são bens públicos e servem como propagadores da voz do povo sendo extensões do ser humano. Dines (1974), em *O papel do jornal*, discute a ação da imprensa no desenvolvimento do país, além da própria atividade do jornalismo brasileiro. Considerado uma bíblia para os todos aqueles que estão envolvidos neste meio, o livro traz em seus capítulos lições primordiais do jornalismo sério e comprometido com o interesse público.

O autor declara que as características de um jornal são sempre contínuas e superam a barreira das vinte e quatro horas após a publicação de uma grande notícia. Ainda comenta que o jornalista trabalha simultaneamente contra e a favor do

tempo. Velocidade e rotina são os pontos em que ele monta seu mecanismo de ação.

4 Objetivos da Pesquisa, Materiais e Métodos

O objetivo geral dessa pesquisa consiste em identificar o desenvolvimento do território imaterial da APREV como forma de conhecer seus discursos e retirar deles suas concepções filosóficas, suas opções políticas, bem como suas justificativas de existência e a importância que ela própria tem de suas funções sociais.

Com os objetivos específicos almejamos:

- Analisar as manifestações da APREV na mídia impressa e televisiva;
- Refletir sobre os conteúdos dos discursos da APREV retirando deles sua identidade social;
- Identificar através dos conceitos da APREV a importância que ela própria atribui a sua existência e atuação social;
- Investigar as informações que a APREV tem divulgado sobre sua importância como instituição social necessária.

4.1 Material e métodos

Com a presente pesquisa docente pretendemos refletir de forma crítica sobre o objeto da ciência denominada

Comunicação Social. Para essa tarefa a leitura e as discussões com os autores acima citados são imprescindíveis. Essas discussões teóricas serão alimentadas pelas pesquisas em matérias de jornais impressos e online, bem como reportagens e notas a respeito da APREV vinculadas em televisão, rádio e revistas. As visitas *in locus* como trabalho de campo auxiliará na compreensão do trabalho material e intelectual desenvolvido pela associação. Os teóricos citados acima nos auxiliarão na análise crítica da postura dos meios de comunicação quando tratam de questões sociais e o quanto estes meios podem assumir faces manipuladoras em razão de possíveis interesses de grupos particulares./

4.2 Forma de análise dos resultados

Através de pesquisas nos arquivos da mídia impressa de Presidente Prudente, nos jornais O Imparcial e o Oeste Notícias procuraremos conteúdos referentes a APREV. Fotocopiaremos as reportagens para analisá-las posteriormente. Esses recortes abrangerão os anos de 2008 a 2010. De posse desses recortes analisaremos os discursos da APREV e neles destacaremos os conceitos que ela mesma usa para justificar sua

existência e atuação. Verificaremos quais são os serviços que a sociedade tem procurado na APREV. De que forma ela se oferece para atender a sociedade e como ela atende? De onde vêm os recursos financeiros que garante seu estabelecimento e funcionamento? Como se dar seu relacionamento com o público municipal e regional? Quais os relacionamentos que ela mantém com os poderes públicos?

Através de pesquisas nos arquivos da mídia televisiva de Presidente Prudente nos arquivos das emissoras de televisão: TV Fronteira, Bandeirantes e Rede Record de Presidente Prudente analisaremos os produtos televisivos em que a APREV é destacada. Quando foram vinculadas as notícias envolvendo a instituição e porque foram vinculadas nessas ocasiões? De que forma foram destacadas a instituição e seus trabalhos sociais? Como a APREV se identifica? A quem a APREV quer chamar a atenção?

Referências

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnalimo**: a notícia como espetáculo. 4. ed. São Paulo: Casa Amarela, 2005.

BORDENAVE, Juan Dias. **O que é comunicação**. 32. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre as artimanhas imperialistas**. Escritos de

Educação. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 17-32.

DIAS, Marcos Antônio Rodrigues. In: Realidade e Mito. Editora Nacional, 1979, p. 276- 277.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**. 6. ed. São Paulo: Sumus Editorial, 1974.

FALLOWS, James. **Detonando a notícia**: como a mídia corroi a democracia americana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997

FERNANDES, Bernardo Maçano. Entrando nos Territórios do Território. In: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson, (Orgs.). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 273-301.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo:Ática, 2007.

GORZ, André. **O Imaterial**. Conhecimento, Valor e Capital. São Paulo: Annablume Editora, 2003.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 15. reimp. São Paulo: Cultrix, 2007.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. 10. ed.; 1. reimp. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TREVISAN, Zizi. **O Leitor e o Diálogo dos signos**. São Paulo: Clíper Editora, 2000.

WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.